S. PAULO, 20 DE FEVEREIRO DE 1949

Arquivo "EDGARD LEUENROTH"
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
CL/23 UNICAMP 1/75

ANO 32 — NUM. 21 (Nova fase)

A PLEBE

Somente com a confraternização libertária dos povos se conseguirá acabar com as guerras.

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO (Avulso: Cr$ 0,50 — Assinatura: Cr$ 30,00) Director-Gerente: EDGARD LEUENROTH

A Palhaçada da Paz

SOUSA PASSOS

Parece mentira que a paz ou a guerra dependam, muitas vezes, de um só homem, e quase sempre de alguns chefes de Estado que não vão além de três ou quatro, como nas atuais circunstancias em que a paz no mundo está dependendo dos caprichos e do estado de animo pessoal dos quatro "grandes", ou seja, dos quatro chefes de Estado que teem o mundo nas mãos e dele podem dispôr como quizerem.

Mas, como? então os milhões de seres humanos que morrejam nas oficinas, que lavram os campos e deles extraem os alimentos; que desgem ao fundo das minas e arrancam, pondo em risco a propria vida, o carvão que faz mover as maquinas e usinas, que trabalham e constrócm essa enorme riqueza social que faz a grandeza dos povos, abandonam-se assim aos caprichos e ao nervosismo de apenas quatro homens?

E na verdade é assim. Quase sempre, em todas as épocas, os povos teem sido arrastados às maiores catastrofes, às mais encarniçadas sangueiras e morticínios, pelos seus governantes. Agora mesmo, depois de uma guerra em que se refinaram todas as forças de destruição e aniquilamento, assistimos à ridicula farsa das conferencias da paz como se estivessemos assistindo à brincadeira de um grupo de moleques a jogar "esconde-esconde"...

O ditador de todas as Russias, que impôs ao povo russo a tirania do Partido Bolchevista e que vem exercendo essa tirania ha mais de 30 anos, sob irrisoria alegação de preparar o socialismo, ofereceu às potencias ocidentais nada menos que a Paz. Quer dizer, haverá paz no mundo se o "camarada" Joseph Stalin quizer; e haverá guerra se as potencias ocidentais, isto é, os chefes de Estado dessas potencias, não quizerem dar ouvidos às propostas do ditador bolchevista! Os destinos de milhões dependem da capacidade ou incapacidade que tenham os quatro grandes (grandes dominadores) em se entenderem.

E, porventura, têm os povos a necessidade de manter esse estado permanente de disputas e intrigas politicas, esse estado de inquietação mundial que pode degenerar em tremendo conflito armado, do qual se pode resultar a destruição e o achincalhamento de todas as raças? Não, não teem. Os povos não podem desejar que o mundo se afogue periodicamente no lamaçal de sangue que são as guerras. Nada teem a lucrar os individuos que são escravos de conveniencias, os trabalhadores assalariados de um país, seja êle qual for, com as guerras que atingem os trabalhadores e as massas escravizadas de outros paises. E, no entanto, as guerras se fazem com o produto do trabalho desses milhões que são destruidos por elas: o mineiro, o pedreiro, o carpinteiro, o mecanico, o tecelão, o químico, o fundidor, todos concorrem para que se façam as guerras. Os proprios soldados, que são tambem filhos do povo, que são tambem escravos da mentira patriotica, poderiam, se quizessem, acabar com as guerras, recusando-se a nelas tomar parte. Se os chefes de Estado constituem uma insignificante minoria; se êles nada podem fazer sem as armas dos soldados e os produtos dos trabalhadores, porque se deixam os povos enganar tão estupidamente e tão estupidamente se deixam arrastar para a morte ou para a mutilação?

E' sôbre isto que todos devemos refletir. E' sôbre as causas da guerra que devemos todos pensar. E se o fizermos, notaremos que essas causas residem no sistema politico-social que infelicita todos os povos: a existencia de Estado. Aos povos, aos que trabalham e produzem, àqueles que nada teem a lucrar com as guerras, cabe estabelecer a paz no mundo. Basta para isso que não queiram a guerra, eliminando o Estado e os governos e substituindo-os por uma federação livre, de povos livres!

Afronta o trabalhador com seu parasitismo e ainda lhe cobiça a magra sopa!

PASQUINADAS SOCIAIS

ISSO NAO E' SOCIALISMO

Pronunciando-se sôbre a questão do petroleo, o Partido Socialista Brasileiro divulgou um comunicado no qual reafirma seu apoio a qualquer iniciativa do presidente da Republica tendente a resolver a questão do petroleo na base da exploração pelo Estado.

E reforçando esse pronunciamento, diz mais:

"Entende que a industria do petroleo deve constituir monopolio do Estado, segundo estatui seu programa: nacionalização das fontes e energias de energia, transportes e industrias extrativas consideradas fundamentais."

Assim, os socialistas pronunciam-se a nacionalização, por meio do monopolio do Estado, das principais fontes de produção.

Persiste-se no erro. Nacionalizar não é socializar. Dessa forma, passa-se a propriedade da posse de um certo numero de pessoas ou de empresas para um capitalista maior — o Estado. Não se extingue o patronato; cria-se um patrão unico, mais forte, mais opressor, porque dispõe de todos os elementos de compressão, que formam a engrenagem estatal.

Isso não é socialismo. Socialismo verdadeiro, e não de rotulo, é o principio que preconiza a transferencia dos bens sociais da posse de uma minoria da humanidade — que é o capitalismo — para a coletividade, acabando com o patronato e o salariato.

*

DAR FIM AO MILITARISMO

Costa Rica resolveu acabar com o exercito, cuja sede, em sua capital, seria transformada em museu, devendo todos os quarteis ter outra utilização. Os oficiais do exercito se haviam oferecido para outras atividades. Em uma cerimonia publica, o ministro da defesa havia entregue os quarteis ao ministro da educação.

Noticia confortadora, despertando confiança nas boas fôrnadelas dos homens. Não obstante toda essa fermentação de baixas paixões que perturbam a harmonia entre os povos e arrastam ainda sem intervalos entre as criaturas sentimentos de fraternidade e de justiça social.

Infelizmente, porém, os elementos da reação ainda dominam soberanamente em toda a parte estrangulando todas as tentativas de movimentos no sentido de harmonizar os homens.

Foi o que se verificou na Costa Rica. Logo após a resolução de acabar com o exercito, as forças reacionarias, internas e externas, arranjaram meios de perturbar a ordem e provocar a reorganização das forças armadas, para enfrenta-las.

O exemplo era perigoso e, por isso, era preciso que não vingasse, para não se generalizar. Por isso, surgiu a desordem.

O mal está nas bases da sociedade, dominada pelo regime capitalista — explorador e tiranico. A solução, pois, está na transformação da organização social de acordo com os principios libertarios.

*

DESAJUSTAMENTO SOCIAL

A agencia telegrafica Asapress divulgou este expressivo telegrama:

"Está aumentando a criminalidade no Distrito Federal, sendo que de acordo com estatisticas de 1948 foram instaurados 21.819 processos contra 10.083 no ano anterior. Esta estatistica da perfeita ideia do desajustamento social em que nos debatemos."

Exatamente isso: "desajustamento social". Sim, desajustamento de toda a circunstancia da sociedade em, pois propriamente, do regime dominante, que é o regime capitalista, baseado no privilegio de uma classe, na exploração do homem pelo homem.

E como realizar a sociedade? Muito simplesmente: atacar o mal na sua origem — o dominio do capitalismo. Para que? Para estabelecer uma nova organização social, baseada na socialização dos bens sociais e na organização federativa e livre de todas as atividades das criaturas humanas.

*

MISTIFICAÇÃO NA IGREJA

Por ocasião do congresso eucaristico recentemente realizado em Porto Alegre, o Papa dirigiu uma mensagem aos catolicos do Brasil, na qual mais uma vez a obra mistificadora do Vaticano se evidencia claramente. Basta ler este pequeno trecho, como prova:

"A Igreja não promete a igualdade absoluta, que outros proclamam, porque sabe que a vida humana sempre será dotada, necessariamente de uma escala de graduações e de diversidades, oriundas das qualidades fisicas e intelectuais, das disposições e tendencias interiores, e das ocupações e responsabilidades de cada um."

A Igreja sempre serviu aos poderosos do momento que mantêm a desigualdade entre os homens, constituindo ela mesma uma instituição privilegiada, permitindo regimes de desigualdades. Por isso, é natural que não admita a igualdade social.

E como a intrujona de sempre, com o fim de confundir os incautos, fala em diferenças fisicas e intelectuais! Mas quem, com a transformação social, pretende nivelar os homens fisica e intelectualmente?

Essa é uma grosseira mistificação dos parasitas do Vaticano.

Porque Somos Anarquistas

Somos anarquistas:

a) porque denunciamos como causa primordial da miséria e sofrimento humano a "propriedade particular", isto é, a propriedade individual da terra, dos meios de extração, produção, circulação e consumo das riquezas;

b) porque denunciamos a moeda, de qualquer natureza, como o instrumento secular da realização dessa propriedade particular;

c) porque denunciamos o Estado, de qualquer feição, imperio, republica, democracia, ditaduras, como o orgão politico e policial desse mesmo regime de propriedade particular;

d) porque denunciamos êsse mesmo Estado como cultivador do sentimento nacionalista de pátria, por meio do qual organiza exercitos, esquadras e bombardeios, deflagrando guerras catastróficas;

e) porque denunciamos o regime capitalista vigente como essencialmente contrário à igualdade de condições sociais, igualdade que permita o desenvolvimento espontaneo das capacidades de cada individuo;

f) porque denunciamos as igrejas organizadas hierarquica e capitalistamente como órgãos colaboradores do Estado, o êle estreitamente presas para explorar a maior parte dos homens e mulheres;

g) porque propomos uma organização social onde tudo seja coletivamente de todos os que trabalham, com direção comum, sem autoridades opressoras, onde a distribuição dos produtos seja feita segundo as necessidades individuais, tendo todos os individuos direito a alimentação, instrução, trabalho, lar e diversões;

h) Porque vemos em tal organização o unico meio de extinguir o egoismo e realizar o altruismo integral, sem odios, sem fronteiras, sem guerras, sem conflitos economicos, sem crimes, sem prostituição, feliz pela ciência, pelo auxilio mutuo, pela arte, pela beleza real da vida.

Buscando Esclarecimentos

PERGUNTE OU RESPONDA

Teríamos que registrar nesta seção varias consultas, interpelações e objeções que nos têm sido feitas a proposito de nossa atitude, isto é, da atitude dos anarquistas em face do governo bolchevista dominante na Russia e, principalmente, sobre a ditadura que lá se exerce com a designação de ditadura do proletariado.

Num programa anarquista publicado no primeiro numero desta fase de "A Plebe" ha uma parte em que está claramente exposto o nosso ponto de vista sobre o regime bolchevista. A proposito da ditadura do proletariado, publicamos noutra pagina deste numero um trabalho em que deixamos exposto o nosso criterio a esse respeito.

A Publicação de «A Plebe»

Num encontro dos elementos do movimento anarquista, foi estudada a situação de nossa imprensa, deliberando-se articular a ação dos grupos editores de "A Plebe" e de "Ação Direta", do Rio.

De conformidade com esse acordo, não sendo possivel, no momento, publicar, com regularidade, quinzenalmente, esses dois jornais do movimento libertario do Brasil, apareceria êles mensalmente, em datas diferentes, de maneira a termos uma edição quinzenal, uma em São Paulo, com "A Plebe", e outra no Rio, com "Ação Direta".

O grupo de "A Plebe" foi rearticulado com elementos para os serviços da redação, da administração e da circulação. Passará a figurar na direção do jornal o companheiro Pedro Catallo, em substituição do companheiro Edgard Leuenroth, que vai lançar a revista "Arquivo de Ciencias Sociais", continuando, entretanto, a participar do corpo redatorial de "A Plebe".

Cabe a todos os militantes prestarem a sua cooperação a esses companheiros, concorrendo para a manutenção do nosso jornal, enviando suas contribuições e trabalhando pela sua divulgação por toda a parte.

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. — Caixa Postal 2162.

Pensando Ideias

Os anarquistas concebem a sociedade como uma vasta rede de associações de toda a especie, em que as relações mutuas dos membros que as compõem são reguladas, não por leis — herança de um passado de opressão e barbaria — não por autoridade, quer esta seja levada ao poder por eleições, quer por herança de seus antepassados, mas organizadas mediante convenios ou acordos entre as partes componentes, livremente aceitos e a todo tempo revogaveis, garantidos por habitos e costumes sociais que tenge de se petrificarem pela lei, pela rotina ou pela superstição, livremente aceitos, porque todos se ajustam às novas necessidades de uma vida livre, pela pesquisa da ciência, das invenções, dos conhecimentos experimentais dos mais elevados ideais humanos.

PEDRO KROPOTKIN

Na número 19 de A PLEBE, noticiamos o falecimento deste companheiro, antigo e dedicado militante de nosso movimento na cidade de Santos.

Conforme dissemos, à beira da sepultura falaram varias pessoas e, entre elas, o sr. Francisco Jiménez, amigo pessoal do Francisco, como José Peyscegur era geralmente conhecido.

Hoje podemos transmitir aos leitores de A PLEBE a oração do jovem clínico santista.

Eis-a:

"Nesta despedida ultima, José, queremos reafirmar-te a grande admiração que tivemos e teremos por você.

A doença insidiosa levou-te prematuramente, quando muito ainda esperávamos de tua atuação social.

Ficaram, entretanto, exemplos formidaveis, que não poderão ser esquecidos e servirão de estimulos animadores a fazer vicejar outros valores humanos do teu quilate. Ninguem, de boa-fé, poderá contestar o idealismo que acusaste, ninguem ousará apontar outro melhor; ninguem poderá desmorecer-te, pois estiveste sempre a coalhar de aperfeiçoamento.

Datando de pouco o nosso conhecimento, tive a satisfação de reconhecer em ti um trabalhador consciente, de vistas largas, estudado em principios verdadeiramente bons, compreendendo a questão social com nuancante superioridade e lutando com denodado vigor pela facilitadade dos mesmos. Os que te conheceram há mais tempo, melhor poderão dizer de como defendias e pregavas a causa da emancipação social.

Demonstraste sempre uma compreensão cristalina das necessidades humanas e tendo tido atuação destacada nos meios sindicais de Santos, nunca te doixaste arrastar por tendencias contrarias à tua mentalidade libertaria.

Defendeste com desassombro a sociedade sem donos e sem leis autoritarias. A tua militancia bem prova o asseverado.

Grande lacuna abre-se na Santos libertaria de outros tempos; o teu lugar não poderá ser preenchido. Quem o ha de fazer com tanta firmeza? Confiemos nas sementes.

José: Antes de encerrar este ultimo batepapo com você, quero externar a todos aqui presentes do teu valor a firmeza de convicções. Ontem, ao ser internado no Hospital da Santa Casa da Misericordia de Santos, na portaria, ao ser feito o rasisto de internamento, foi indagado da companheira se o José tinha religião. Dona Laura, com infundado receio e hesitante, acabou dizendo que o Francisco era protestante.

Quando, no leito do Hospital, o José, pelo de fato, apesar de toda a prostração e caquexia, indignou-se cheio de amargor, dizendo não ter nenhuma religião — e não estar ainda com o miolo mole.

Morto José, fica nome e uma suave mensagem, convidando todos os anarquistas e simpatizantes a prosseguirem."

DEUS, PATRIA E FAMILIA

O maior sopro que a humanidade sofreu, através do tempo e do espaço, foi em consequencia de ter consagrado uma boa parcela da sua atividade mental ao culto de mitos e lendas inverosimeis. Tais abstrações alteraram profundamente o meio vivendi humano, dando ensejo ao desculdo da realidade ambiente em troca de hipoteticas conjeturas metafisicas. Da penetração nesse campo de ilusões e mistérios é que resulta esse confuso tropel de seres que hão se oferecem no sentido da confraternização universal.

A trilogia — Deus, Patria e Familia — arrulam-se de tal forma na mentalidade humana, que as consequencias desastrosas desses mitos tomam proporções alarmantes. Repugna a todos os individuos de bom senso reciembrar que as maiores carnificinas, as mais pungentes paginas de dor e de miseria, que a historia registra, foram consumadas à sombra desse trio fatidico. As cruzadas religiosas, a noite de São Bartolomeu, a Santa Inquisição e a conquista e colonização da America foram realizadas com a cruz e a espada, a sapiença e o fogo. O lema, "crê ou morre" imposto inquisitorialmente, simboliza a escravidão espiritual e temporal da humanidade. A catequese dos aborigenes da America, os estragos brutais dos nativos africanos para entregá-los ao cativeiro corporal no solo americano, aliados à conquista territorial em que se empenharam os aventureiros da época précolombiana, eram consumados ao amparo da "divina providencia".

Em nome de "Deus" se escravizava aos nativos, em nome da "Patria" se escriplava o territorio patrimonial dos indigenas e em nome da "familia" se exterminava aquelas famílias que não se submetiam à catequese escravizante dos conquistadores.

Contemporaneamente, o surto mental da trilogia — Deus, Patria e Familia — assume proporções inauditas. Por todos os recantos do mundo observa-se esse movimento fatidico de destruição e de miseria em homenagem a este ou aquele "deus", a esta ou aquela "patria", a esta ou aquela "familia". Conseliçar dogmaticamente os preceitos religiosos, isto é, os dogmas desta ou daquela religião, porque ninguma delas se considera inferior à outra, ao contrario, cada qual quer prevalecer como expressão unica e verdadeira do mundo das deidades; reduzir ou ampliar o patrimonio patrio com a delimitação de novas fronteiras nacionalistas ou com novissimas entidades patrioticas para maior suplicio humano; congregar e solidificar a riqueza material da sociedade em mãos de meia duzia de "familias" privilegiadas por suas manobras especulativas, em detrimento da imensa maioria de "familias" que vegetam na mais extrema penuria economica e moral, é o panorama com que nos brinda a matriarcal organização social fundamentada nesse fétrico triunvirato historico.

Conceber a idéia de patria no sentido de beneficiar as coletividades humanas é um contrasenso; tanto a riqueza do solo como a do subsolo não são patrimonio daqueles que empregam as suas energias para extrair os elementos de subsistencia necessarios à vida da coletividade, mas daqueles que vivem parasitariamente à sombra desse triunvirato, que é o mais miseravel do primeiro da riqueza social concentrada com a vida regalada e opulenta do explorador do trabalho escravo ou assalariado, que, além de nada produzir, arquiteta planos cada vez mais refinados de exploração e domínio.

Esta situação privilegiada do potentado burguês, torna-o um distinguido "patriota", ardente defensor da "Patria" e fervoroso lociitor qualido atiçado às maravilhas da "nossa terra". Em compensação, os produtores da riqueza social, além de deixarem suas melhores energias nos campos, nas fábricas e nas oficinas, têm que cobrir o rogar de sangue os campos de batalha em holocausto à trilogia — Deus, Patria e Familia.

Definitiva o aconchego da familia nas centro paredes do lar privado, onde a situação economica é base fundamental dessa instituição, não corresponde aos principios de uma etica social perfeita, porquanto sua concepção é muito elastica e brilha pela ausencia do auxilio mutuo, não sómente da familia para familia, senão tambem entre os seus membros consanguineos. Com efeito, a familia de um opulento burguês distancia-se e evita a convivencia com pessoas ligadas a ela pelo sangue, mas que vivam pobremente: com mais razão se distancia e evita confraternizar com a familia proletaria com a qual não mantém nenhum parentesco, porque esta pertence a outra "casta" e não possue recursos financeiros suficientes para brilhar nas esferas escandalosas do "gran mond". A "clausura" da familia proletaria contrasta com a vida orgiaca e decadente dos potentados, que, embora sua situação economica dependa exclusivamente daquela, não deixa de exibir sua validado como casta privilegiada perante Deus, a Patria e a Familia.

A instituição da familia privada, apresentada como sendo a celula mater da organização burguesa, não é, dentro dessa organização social, senão confuso convencionalismo e um amontoado de preconceitos morais e politicos, e até raciais, que só podem medrar num ambiente social corrupto e decadente; mas nunca poderão servir de modelo para a organização de uma sociedade livre onde o principio de solidariedade seja a pedra angular dos valores humanos.

O autoritarismo despotico e tirano das familias oligarquicas reinantes na sociedade burguesa, que só se movimentam no impulso de apetites insaciaveis e à custa de sacrificios de vidas e da miseria das classes proletarias, repercute no seio da penuria organização social como o estouro da bolada! De fato, o conceito autoritario que vem de cima, desloca-se para todos os quadrantes da esfera social, de tal forma, que todas as familias, sem distinção de classe ou casta, sofrem essa irradiação autoritaria ao ponto de ninguem se entender amigavelmente. Tudo tem que se realizar pelo direito da força e não pela força do direito. Daí provém essa corrida para o abismo que consiste no "salve-se quem puder". Este é o espelho em que se reflete a imagem da velhusta e carcomida organização burguesa, que tem por lema — "Deus, Patria e Familia".

M. GARCIA

O Existencialismo e o Anarquismo

Jean Paul Sartre, que sói ser chamado o "Papa do Existencialismo", foi censurado pelo "Osservatore Romano", orgão oficial do Vaticano, e suas obras postas no Index por "imoralidade e desenfreação revolucionárias". Ao ser, por esse motivo, entrevistado em Paris, Sartre expressou-se dizendo que a Igreja o pôs no Index "porque procurei construir uma nova forma de humanismo e porque abri os olhos a milhares de jovens cristãos. Receiosos de que os meus argumentos convencem os multidões de crentes, eles, — os príncipes da Igreja — se detrondem a seu modo, proibindo a difusão de minhas obras."

Já em outra oportunidade tive ocasião de dizer, quando se proibiu na Argentina um livro de Paul Sartre — "O Muro" — que toda a obra literaria ou cientifica posta no Index, quase sempre se vê favorecida e elevada no conceito das multidões. O desprestigio alcançado por tais condenações, sejam estas de índole clerical ou de qualquer outra fonte proibitiva a intolerante, faz com que poucos acreditem na eficiencia dessas medidas, discutem também, a propósito dessa proibição, que estamos em desacordo com todos os Index, pois o unico autorizado a julgar uma obra é o leitor inteligente, aquele cujo raciocinio ultrapassa a mentalidade comum.

Isto não quer dizer que estamos de acordo com Sartre à sua "existencialismo". Divergimos dele quando pretende apresentar suas obras e teorias caóticas, decadentes, de homem sem fé e sem esperança alguma, como sendo uma nova forma de "humanismo" — segundo as suas afirmações — ou tendencia revolucionaria.

E o pior é que, por haver-se dilaceiado de todas as tendencias politicas e dispara contra todos os preconceitos estabelecidos, muitos o considerem dentro das fileiras do anarquismo, como se o simples fato de não ser em nada, significasse ser anarquista.

Albert Camus, escritor frances e "homem lucido" — um panegirista assim o qualificou — que em principio compartilhava das teorias existencialistas de Paul Sartre, expressou em certa ocasião que sua pátria — a França — "tem hoje três grandes profetas: Karl Marx, Jean Paul Sartre e Jesus Cristo".

Admitimos o direito que cada um tem de divagar nas suas horas de ocio, mas é inadmissivel que a divagação pretenda ter um sentido real na ordem das idéias e na marcha da vida.

Pretende Sartre ser revolucionario porque investe contra tudo, em sua linguagem suave, fazendo literatura bávara com os vicios e mazelas da sociedade burguesa.

Se ele acredita nisso, está muito equivocado. Ser revolucionario é outra coisa: é exatamente o contrario. O homem que tem idéias revolucionarias é claro nos seus objetivos e na concisão das idéias. Ele para construir sabe que é preciso destruir; sabe muito bem como construir e o quanto do futuro! Destrui, pelo simples prazer de destruir, sem um fim, não é dar solução aos problemas humanos, mas levá-los para o terreno da desordem e do caos. Quanto à originalidade do "novo humanismo", fundado na base de que o homem não deve ter fé nem esperança, não é sem novo nem consistente. Descartada a fé das crendices milagreiras e a esperança do suposto paraiso ultraterreno, sustentamos que viver sem fé e sem esperança é estar morto. O proprio Sartre, embora negando-lo, alimenta essas virtudes, embora se considere as suas teorias revolucionarias. Carecer de fé seria como condenar a humanidade à inercia, submergi-la definitivamente no nada.

Nós, os revolucionarios, acreditamos nos esforços continuados do homem. Crenos que a inteligencia e a bondade, ingenuinadas, encontrarão o caminho, a forma e os metodos que permitam a criação de um mundo livre, onde o homem possa ser integralmente ele, unico meio de ser util a si mesmo e à comunidade. Cremos, apesar de todas as forças reacionarias e do tremendo caos em que vivemos, que a força heroica do espirito vencerá a força brutal, inorganica e destrutiva de todas as conquistas da humanidade.

Sustentamos que todo revolucionario é homem de fé, do contrario, a luta que sustentamos não terá razão de ser. Nós, os idealistas, cremos que a humanidade saberá encontrar o seu proprio destino.

ADRIANA ZUMAIRAN
(De "La Protesta", de Buenos Aires)

Opiniões Alheias

A DEFESA DA LIBERDADE

São do professor Jorge Americano, elemento de destaque do meio social paulista, os seguintes conceitos sobre a liberdade:

"Aceitar o principio da liberdade até o ponto de autorizar que possa escravizar-se quem o queira, implica em aceitar o princípio, o legitimar que um usurpador, usando tiro, de que certa maioria inconveniente nos suprima a dignidade humana.

Guardemos sempre a razão, como a mais alta das faculdades. Defendamos a liberdade para salvar a razão. O preço da liberdade é a perpetua vigilancia."

*

A PRAGA POLÍTICA

Extraimos este trecho de uma carta-abertura que Vasmaldo Pastorini Sobrinho dirigiu ao sr. Hercílano Gomes e publicada no diario "Correio do Sul", de Dagé:

"Os politicos são refinados cavalheiros de industria da mainadragem dos caça votos, seja de que partido for, tenha a cor, o nome que lhe queiram dar, os fins sempre são os mesmos: São nulidades e equilibristas, só sam na conveniencias pessoais. E, o povo? Ora, o povo que não seja trouxa, fazendo escadas para os trampolineiros saidrem."

*

MATAR "GLORIOSAMENTE"

Encontramos este periodo precioso numa das cronicas de V.Cy., aparecida no "O Estado de S. Paulo":

"Matei o soldado em homem a quem nunca vi nem conheceu, que talvez até estimasse se viesse a conhecê-lo, mas que nasceu do lado de lá de certa fronteira, e é elogiado e louvado e pode até ganhar uma medalha para pendurar no peito com uma fitinha colorida. Finda a guerra volta o soldado para casa e, cheio de raiva, mata o vizinho que, durante a sua ausencia, lhe roubou a mulher ou lhe ceifou o sítio, e vai para a cadeia. Entendo-se."

PRESENTE DE NATAL...

Antonio Borrego é um incontornivel impenitente. Publica livros, folhetos e prospectos sobre os problemas da atualidade. Protesta contra injustiças e explorações, a sugere soluções, de acordo com suas tendencias comparatistas e universalistas. As vezes se envolta com um espiritualismo à sua maneira...

Por ocasião do Natal passado, publicou na secção livre de um diario, assinado com seu nome, com firma reconhecida e indicação de seu endereço, esta nota endereçada aos ilustres representantes do povo à Camara e ao Senado:

"Enquanto o povo tem fome e espera pelo pão, vós vos corrompeis com o aumento de subsidios, dele extorquido sob a forma de impostos. Em nome das vitimas que sonham acabar com a miseria humana, aqui deixo o meu solene protesto."

Os anarquistas e a ditadura do proletariado

Defendendo o ideal anarquista, negação de todo o principio de autoridade e expressão mais completa das aspirações de liberdade por que vem lutando a humanidade, e sendo o seu objetivo extinguir a divisão da coletividade humana em classes antagonicas, fonte de todas as lutas que ensanguentam a historia, não podem os anarquistas concordar que, à ditadura do capitalismo, origem de toda a tirania, se oponha a ditadura de outra classe, embora essa classe seja o proletariado, porque isso seria fazer com que a transformação social fatasse no seu fim, deixando sobreviver o germe das disputas que perturbam a normalidade da vida social.

Desejado todo a vida da nova sociedade buscar-se no trabalho e sendo a organização dos que trabalham, em todas as suas modalidades, manuais e intelectuais, a base da coordenação de todos os elementos que exercem uma função util à coletividade, entendemos que, pela obra reconstrutora dessa organização, praticada de acordo com os interesses coletivos, na base do federalismo libertario, se operará a extinção das classes pela natural absorção das categorias de atividades inuteis e parasitarias.

Não concordando com a ditadura do proletariado, repetimos, com muito mais razão, a ditadura de um partido, ainda que esse partido se apresente como a elite do elemento revolucionario social e como a vanguarda da classe trabalhadora.

Entendem os anarquistas que, dando-se à organização profissional o indispensavel efeitencia de coesão, de capacidade administrativa, tecnica e revolucionaria no sentido renovador libertario, ela poderá assegurar o exito da transformação social e a obra reorganizadora da sociedade.

E sendo certo que o capitalismo tratará de defender por todos os meios os seus privilegios de classe durante o morbacuto revivalescer e de recomquistá-los após a queda do seu dominio, o proletariado deve preparar-se suficientemente para sustentar a luta, convencido de que ela será penosa e demorada, certo tambem de que, no embate decisivo, bem como no período de reorganização da sociedade, terá de usar os recursos revolucionarios que as circunstancias ocorrerem ser necessarios para a vitoria sobre os elementos reacionarios e firmar a estabilidade do novo regime. Entretanto, nunca poderá perder de vista a verdade historica que a liberdade do povo só poderá ser conquistada pelo esforço organizado do proprio povo e nunca imposta pela coação de um poder central, que, surgindo, muitas vezes, com intuitos revolucionarios, naturalmente se transforma em organismo de sistematica repressão, não sómente contra os elementos da direita, como contra os da esquerda que trabalhem para efetivar a obra de transformação social.

Embora o objetivo da revolução social em todo o mundo seja uma só — a queda do capitalismo com todas as suas instituições discriminadas — julgamos que a ação transformadora da sociedade será, naturalmente que se desenvolver, não em obediencia a um padrão uniforme, como a ditadura do proletariado ou de um partido, sim:

Ditadura do proletariado é uma mentira convencional e um paradoxo. Ditadura é, como se define em ditado, o poder exercido por uma minoria sobre a maioria. Ora, o proletariado é a maioria. Como conciliarem-se, pois, estas duas termos antinomicos?

Depois há ainda a considerar uma questão de forma, de acordo com as exigencias, cheias de modalidades diversas em cada país, obedecendo às características proprias de cada povo e às tendencias historicas do seu movimento revolucionario.

Que Mistificação!

Um telegrama de Oslo divulga esta curiosa notícia a proposito do premio da paz criado pelo descobridor da dinamite:

"Foi oficialmente anunciado nesta capital que se candidataram ao Premio Nobel da Paz para 1948 o generalissimo Joseph Stalin, da União Sovietica, o papa Pio XII, o mahatma Ghandi, o presidente Harry Truman, dos Estados Unidos, o presidente Karl Gruber, de Austria, o falecido presidente Eduardo Benes, da Tchecoslovaquia, e o sr. Vlacheslav Molotov, da Russia."

Que mistura! Uma verdadeira salada misturando Ghandi, disputando o ramo de oliveira da paz à Truman, indicado por Stalin, e mais Gruber com Molotov, fechando a fila, com outros — imaginam quem! — o Papa!...

Isso espelha bem a baú que reina no mundo...

Vida Social sem Estado

EXEMPLO DE ORGANIZAÇÃO LIVRE NA SERRA DO MARACAJÚ, EM MATO GROSSO — ORDEM PERFEITA SEM AUTORIDADE

A História dos povos está cheia de exemplos de experiencias de vida livre entre os homens, isto é, de convivio social liberto da intervenção da autoridade. A margem do Estado, e orientada, no sentido da liberdade dos individuos, associados livremente, dentro das normas federativas, de acordo com suas multiplas atividades.

Uma dessas experiencias, cheia de ensinamentos, foi feita no Brasil, envolvendo acontecimentos e personalidades de todos conhecidos. Esse episodio da historia brasileira foi contado pelo jornalista e escritor engenheiro Vivaldo Coaracy, numa cronica publicada no "O Estado de S. Paulo". E aqui vai esse exemplo de vida livre da interferencia do Estado:

"Quando, invadindo Mato Grosso, as tropas semi-barbaras desencadeadas pelo delirio de Solano Lopez tomaram e destruiram Nioac, levando prisioneiros os moradores que não trucidaram, os habitantes de Miranda fizeram o mesmo e, tambem, ficaram pasmados de panico. Reconheceram-se incapazes de organizar qualquer resistencia aos invasores, só de uma coisa cuidaram: salvar a vida. Fugir o mais depressa possivel, carregando o que conseguissem levar. Fugir para onde se sentissem ao abrigo do inimigo feroz e sanguinario. Afirmação de mais poderoso dos instintos animais, multiplicada pelo contagio dos pavores coletivos.

A população inteira abandonou o povoado, largando haveres e interesses, cada qual tratando de correr mais depressa, para procurar refugio nos "morros". E aquelas criaturas, especuladas pelo terror galgaram as ásperas da Serra de Maracaju, por veredas quase intransponiveis, para atingir as chapadas virgens onde instalaram alguns acompanhentos provisorios, na crença e esperança de que logo o governo imperial saberia repelir o invasor para além do Apa, permitindo que os refugiados voltassem, descendo dos vales, a reconstruir os lares devastados, a retomar a vida.

E lá ficaram dois anos, sem contacto com o mundo, sem noticias, sem saber o que estava acontecendo. A unica coisa de que tinham noção era de que os paraguaios continuavam ocupando a terra que fora sua, a vagar pelas planuras onde antes tinham o seu gado. Não era preciso que os indios nomades, que as vezes até lá chegavam, lhes trouxessem essa desalentada noticia. Bastava-lhes debruçar-se à beira de um precipicio, lá dos píncaros onde se achavam, para ver a fumaça das queimadas a desdobrar-se por todo o horizonte, os fogos dos acampamentos.

Há nesse episodio um romance sedutor que ainda nenhum dos nossos escritores quis atacar. Seria preciso ir até lá, para conhecer o local, para recolher tradições, ouvir reminiscencias. E' muito longe. Já dizia Floriano Peixoto que Mato Grosso fica para lá do fim do mundo. Seria preciso consultar arquivos, pesquisas, documentos, reconstituir a vida. Dá muito trabalho.

Dois anos. E no fim desse tempo, surgem de repente no meio deles, conduzidos por um indio que lhes serve de guia, dois estranhos, dois oficiais do exercito imperial. Era o primeiro contacto que tinham com o mundo exterior, com a vida que tinham deixado lá em baixo, para reencontrar-lhes as esperanças já amortecidas. Bem se pode imaginar a alegria, após o primeiro momento de incredulidade, de que se deixou possuir aquela gente.

O curioso, o interessante, o significativo, porém, é que os dois oficiais, Taunay e Pereira do Lago, verificaram que assim isolados, longe do mundo, da vida, dos homens, aquelas criaturas viviam felizes. Os acampamentos tinham-se constituido em comunidades. Haviam se adaptado e ajustado, assentando entre si regras de conduta. Até um registro de casamentos haviam organizado, para lembrar-lhes um dia, se esse dia chegasse. A fertilidade do solo virgem dava-lhes abundancia que excedia de suas necessidades simples. Eram positivamente felizes, de uma felicidade sadia.

Por que? — Por haverem ajustado as suas relações mutuas sobre uma base de entendimentos voluntarios, governados pelo bom senso e pela idéia de justiça. Por não haver entre eles desigualdades sociais. Por não ter governo, autoridade, impostos a pagar. Porque para eles o Estado deixara de existir. E tão felizes viviam que Taunay e seu companheiro, depois de partilhar daquela existencia por dois meses, só desceram a reunir-se à sua coluna impelidos pelo sentimento do dever. Nas páginas das Memorias sente-se o pesar com que o autor deseja da paz dos "Morros". Tão inconstante e insensato é o homem, porém, que logo que o territorio foi evacuado, os habitantes dos "Morros" voltaram para o inferno. Há muita gente besta neste mundo!"

Os anarquistas em face da situação atual

Oportuno manifesto da Federação Anarquista Francesa

Coroado de pleno êxito, realizou-se em Lião, nos dias 11, 12, 13 e 14 de novembro ultimo, o quarto congresso da Federação Anarquista que, ao concluir os seus trabalhos, lançou este valioso manifesto:

"O ano a findar-se não fez desaparecer as ameaças de uma guerra iminente entre os imperialismos dos dois blocos. Acha-se aberta a sangrenta luta entre o colosso russo e o colosso americano na Grécia, China, Malásia. Em tal sentido, pode-se dizer que se iniciou a 3.a guerra mundial.

A construção da Europa nas bases do sistema capitalista de exploração falhou. O plano Marshall que tendia a sustentar essa economia na Europa ocidental, por motivos estratégicos e proventuais, choca-se com a violenta oposição do partido stalinista. O Kominform engana as reivindicações legitimas dos operarios traindo suas greves e utilizando-as com propositos de expansão do imperialismo russo. A Russia prosseguiu sua marcha na Europa com o putsch tchecoslovaco; mas o caso jugoslavo deixa entrever uma fraqueza interna de coesão no sistema stalinesco.

Em França a crônica insuficiência do material industrial e da produção, a queda da moeda, a miséria e os ludibrios ideológicos dos politicos e ministros criaram um estado de instabilidade governamental permanente que abre caminho ao fascismo de De Gaulle. O partido stalinista, afundado na oposição por ordem de Moscou, procura aproveitar esse estado de coisas para apoiar essa demagogia.

Entre o fascismo de direita e o fascismo do Kramlin, os partidos burgueses intermédios perdem influência e atravessam crises (S. F. I. O., M. R. P.).

Procuram sobreviver matraqueando os trabalhadores. A democracia apodrecida falhou e os totalitarismos erguem a fronte.

Confirma-se, pois, que não há paz capitalista, nem solução estatal fora da escravidão, nem democracia burguesa capaz de alargar-se e sobreviver, nem partido politico que não seja engano e exploração da miséria geral.

A única solução eficaz é pois a rejeição do Estado, dos partidos, da democracia fundida, do capitalismo, da exploração. Acha-se na luta contra esses ídolos, empenhada pelos Anarquistas para incitar os trabalhadores a lançar não dois meios de produção e os povos a se organizarem sobre bases livres e federadas.

Urgente é, pois, mais que nunca, aparecerem os anarquistas do mundo inteiro, organizando-se, ligando-se. Eis porque, no ambito internacional, entendeu o presente Congresso reafirmar a necessidade das ligações com as organizações e camaradas anarquistas estrangeiros. Ao mesmo tempo, no ambito interno, entende acentuar os esforços da Federação para surgir na luta social contra a guerra, o militarismo, o colonialismo, a miséria, a trapaçaria política e a proliferação das novas hierarquias do trabalho, dos sindicatos, dos partidos e do Estado.

Essa luta incessante não cabe apenas à Federação, como organismo nacional, senão também, e sobretudo, aos grupos no ambito local e aos individuos nos recintos de trabalho, nas organizações culturais e sociais (sindicatos, cooperativas, comunidades, organizações de juventudes, etc.). Eis porque o critério da presença e atividade dos anarquistas nessas organizações deve ser o de que essas condições concretas lhes permitam atuar util e livremente, de modo construtivo, em prol de suas idéias.

Essa missão leva-os necessariamente a entrar em conflito com as tentativas politicas de nucleagem e as tentativas estatais de penetração. Aí como alhures, os meios e fins são libertários e tendem à liberação do homem.

CUMPRE, POIS, ESTAR PRESENTE para poder trabalhar eficazmente. Essa presença deve estar, nas cidades, nas greves, onde os anarquistas devem lutar com os explorados, ajudando-os a superar as reivindicações que não alteram realmente a situação atual e servem amiúde aos fins politicos das grandes centrais sindicais. Deve estar, ainda, nos campos, onde os trabalhadores rurais precisam aprender a unir-se para conquistar melhores condições de trabalho e existência.

Em suma, o Congresso convida os anarquistas à lutarem mais ativamente que nunca e a todos os golpeados pela guerra, pela miséria, pela exploração a aderirem às lutas das Federações Anarquistas. Hoje, trata-se de salvar o próprio homem".

Repelindo o Colaboracionismo

Em deliberação recente, nossos militantes anarquistas definiram sua posição ante certa tendencia confusionista conhecida pelo nome de colaboracionismo.

Afirmaram que a mais preciosa virtude do anarquismo, a qualidade que mais o tem distinguido, na questão social, das demais tendencias e lhe dão a extraordinaria fôrça moral, reconhecida e respeitada pelos seus mais encarniçados inimigos, é a pureza de suas doutrinas e o seu método infalivel e caracteristico da ação direta.

O movimento colaboracionista é uma quebra desse método de ação direta, pois aceita entrar em combinações diretivas com elementos politicos e estatais.

O nosso movimento reprova unanimemente a tendencia colaboracionista e empenha sua inteira solidariedade aos anarquistas que lutam contra êsse desvirtuamento dos métodos anarquistas de ação, e tanto mais firme é essa solidariedade quanto não consta no Brasil a existencia de nenhuma tendencia colaboracionista.

A Reação Fascista na na Espanha

A reação do fascismo franquista prossegue na sua criminosa falha de perseguição dos elementos que não se conformam com sua tirania.

Os telegramas continuam a divulgar noticias de perseguições, de processos e de criminosas condenações atingindo militantes do movimento social e proletario acusados de persistirem na luta antifascista e em prol da libertação do povo.

Um recente despacho procedente de Madrid, divulgou mais um desses atentados à liberdade de associação do povo espanhol. E' o seguinte:

"Uma das cortes marciais julgará 26 pessoas acusadas de pertencer ao Partido Socialista e outras 24 pessoas acusadas de pertencer à Confederação Nacional do Trabalho, organização anarquista."

Confirmando esse telegrama, apareceu este outro que noticia a condenação de um conhecido militante anarquista:

"Manuel Villar, suposto lider anarquista, foi condenado a vinte e cinco anos de prisão na cidade de Ocana, 60 quilometros distante desta capital."

Esse "suposto lider anarquista", a que se refere o telegrama, militou muito tempo no movimento anarquista da Argentina, tendo sido diretor de "La Protesta", um dos mais antigos e valorosos orgãos da imprensa libertaria internacional.

Associando-nos ao movimento de protesto de todo o movimento libertario mundial contra a monstruosidade da dominação fascista na Espanha, consignando a nossa incondicional solidariedade aos combatentes do movimento antifascista ibérico, em luta desesperada pela queda do regime de vergonha e de crime lá dominante.

As Contas de «A Plebe»

Em nº anterior publicamos uma relação de contribuições recebidas para a publicação de A PLEBE. No presente numero damos divulgação a uma nova relação, acompanhada do balancete correspondente aos numeros de 17 a 20. Quem tenha remetido alguma importancia e não a veja publicada, nos dará comunicação a fim de providenciarmos, para o que precisamos ser informados da forma como a remessa foi feita.

IMPORTANCIAS RECEBIDAS

DE ASSINATURAS:

Santos: F. L. B.	30,00

DE CARTÕES DE CONTRIBUIÇÕES:

Nº 1 — B.	5,00
Nº 2 — A. M.	20,00
Nº 2-A — E. M., 50,00; P., 10,00 — Total	30,00
Nº 3 — D. P., 5,00; C., 5,00; J. C. L., 20,00; C. L. C., 10,00; E. P., 5,00; H. M., 5,00; M. P., 5,00; I. C., 5,00; I. L. B., 5,00; A. C., 5,00. — Total	70,00
Nº 4 — A. S., 300,00; E. P. C., 85,00; Antonio, 50,00; G. F., 60,00; G. F., 100,00; J. M., 40,00. — Total	600,00
Nº 4-A — B.	20,00
Nº 8 — L. P.	20,00
Nº 11 — N.	10,00
Nº 13 — J. S.	10,00
Nº 14 — C. M. V., 10,00; L. S., 10,00; R., 20,00; E., 20,00; L. C., 10,00; R., 20,00; J., 10,00; P., 4,00; Brasileiro, 10,00. — Total	114,00
Nº 21 — R.	40,00
Nº 22 — P. B.	40,00
Nº 23 — L. G.	20,00
Nº 26 — P. M.	20,00
Nº 38 — J. M.	20,00
Nº 38 — N.	20,00
Nº 39 — G., 20,00; C. A., 50,00. — Total	70,00
Nº 40 — R.	10,00
Nº 50 — D. P.	10,00
Total	1.534,00

DE VENDA AVULSA:

Venda de jornal	604,50

DE CONTRIBUIÇÕES AVULSAS:

São Paulo: J. A., 10,00; G. I. P., 100,00; P. C., 100,00; Miguel, 80,00; P., 10,00; E. A. S. P., 2.000,00; D. M., 20,00; A. A. G., 30,00; Henrique, 20,00; G. S., 50,00; Grupo Dramático, 610,00; A. P., 50,00; I. P., 100,00; B. S., 15,00; C. A., 220,00; F. D., 5,00; J. F., 2500; J. M., 10,00; L. P., 10,00; E. G., 300,00; Manuel, 10,00; P. C., 120,00; Cléa, 10,00; P. B., 35,00; M. O., 40,00; J. A., 10,00; R. G., 20,00; P. B., 20,00; Vinhais, 20,00; J. M., 20,00; Arcas, 2000; Por int. de Edgard, 118,00; O. G., 30,00 — Total | 4.280,00
Campinas: Por int. de A. P., 277,00; M., 120,00; A. F., 300,00; R. A. B., 15,00; R. A. B., 20,00; J. B., 12,00; E. R., 15,00; B. S., 20,00; F. C., 9,00; N. F., 25,00; Donativo, 5,00. — Total | 801,00
Santos: C. B., 50,00; Manolo, 100,00; L. L. S., 50,00; A. O., 50,00; J. F., 100,00; F. L. S., 10,00; R. E., 20,00; U. Q., 50,00; J. B., 60,00; Anonimo, 10,00. — Total | 540,00
Cascavel: V. | 10,00
Ubatuba: A. J. | 100,00
Pernambuco: A. F. G. | 20,00
Itaiaçava: D. C. | 20,00
Magi das Cruzes: C. P., 25,00; A. S., 200,00. — Total | 50,00
Sorocaba: M. T., 2,50; J. F., 50,00; A. G., 10,00; M. M., 10,00; A. G., 5,00; J. P. G., 10,00; A. M., 25,00; C. P., 10,00; Diversos, 2,50; J., 20,00; P., 10,00; S. F., 5,00; E. M., 10,00; L., 2,00. — Total | 225,00
Curitiba: A. D. | 191,00
Palmeira: Z. A. | 50,00
Porto Alegre: M. F. V., 355,00; R. P., 100,00. — Total | 455,00
Pelotas: L. S. M., 250,00; P. B., 507,00. — Total | 757,00
Buenos Aires: J. R. | 25,00
São Paulo: Resultado de 1 raffem | 300,00
Total | 8.260,00

ENTRADAS:

Saldo existente	1.606,00
Assinaturas	60,00
Cartões de contribuições	1.534,00
Venda avulsa	604,50
Contribuições avulsas	8.260,00
Total	11.277,50

SAIDAS:

Goma arabica para a expedição	20,00
Papel — idem	156,00
Sêlos — idem	113,70
Transporte	247,00
Remessa para o Rio	30,00
Impressão dos ns. 17, 18, 19 e 20	10.000,00
Confecção de clichês	60,00
Total	10.125,70

CONFRONTO:

Entradas	11.277,50
Saidas	10.125,70
Saldo	1.151,80

Este balancete, em sua maior parte, estava preparado para aparecer no numero anterior, razão pela qual nele não figuram varias contribuições recebidas depois.

No proximo balancete, figurarão as contribuições recebidas do Interior, dos Estados e entregues diretamente aos encarregados do Jornal.

GIGI DAMIANI

Ocupamo-nos, no número 18 de "A Plebe", deste velho camarada, agora na Italia, à frente de "Umanità Nova", nosso companheiro de redação durante algum tempo que aqui militou, por dois motivos: — uma noticia auspiciosa que lemos em "L'Adunata dei Refrattari", através da qual ficamos sabendo que Gigi Damiani conseguiu readquirir, pelo menos em parte, a vista, que tanta falta lhe fazia, e uma belissima cronica de Afonso Schmidt publicada em sua secção "Rosa dos Ventos", no "Jornal de Noticias" e que reproduzimos.

Sôbre a noticia da operação que lhe devolveu a vista, êle mesmo relata esse acontecimento em carta à "L'Adunata".

"Voltei a ver, senão as estrelas, pelo menos as linhas do papel branco em que escrevo. E já é muito, porque, nos ultimos meses, não enxergava mais nada. Mas ainda que é dificil ler, não obstante a ajuda de poderosas lentes feitas a proposito. E sinto tanta necessidade de ler aquilo que escrevem e publicam os outros!

Não sei se a minha calligrafia está legivel, mas não quiz negar a mim mesmo e a vocês a satisfação de mostrar-vos os meus novos sinais calligráficos. Saúde!..."

A PLEBE

S. PAULO, 20 DE FEVEREIRO DE 1949 — ANO 32 — NÚM. 71 (Nova fase)

A Missão do Sindicato - Hoje e no Futuro

Enquanto as conferências internacionais se sucedem nas diversas capitais do mundo, enquanto na ONU se debatem os problemas da "paz", assistimos a continuação da guerra na Palestina, na India, na China, na Grécia e ao preparo de nova guerra mundial gerada nos bastidores da política internacional.

Por outro lado, os sombrios "filósofos" do néo-sindicalismo de Estado, o sindicalismo que vai se tornando a base da tirania governamental, se abrem para nos dizer que só encontram valor na organização dos trabalhadores pelas **forças que o sindicato põe à sua disposição**, atirando a mais sórdida afronta à dignidade das classes produtoras.

Foi preciso inventar-se o Estado totalitário, bolchevista ou fascista, para amoldarem-se as massas aos interêsses do capitalismo, privado ou estatal, continuando, assim, a exploração dos braços e a escravidão das consciências.

Apenas o movimento anarquista de todo mundo, integrado nas aspirações do povo, procura, neste momento crítico para a humanidade, esclarecer a missão do sindicalismo na obra de reconstrução do futuro da humanidade.

Fracassadas as instituições burguesas, rindos todos os processos da economia político-social do capitalismo, percebendo-lhe o fim, os anarquistas se preocupam, agora, mais do que nunca, com as possibilidades do preparo das organizações operárias, sob o ponto de vista técnico e profissional, de forma a garantir a solidez da obra renovadora, evitando que, após a transformação social, as forças produtivas caiam nas mãos da burocracia, ou que, com a situação caótica do movimento, não se podendo, de pronto, fornecer inteiramente meios práticos de distribuição e consumo, se torne o ambiente propício ao advento de uma ditadura que inutilize todo o esforço feito no sentido transformador.

Si o proletário estiver tècnicamente aparelhado para oferecer, após o colapso do capitalismo, um organismo sólido capaz de substituir, na administração, no controle da produção e da distribuição, as organizações capitalistas, claro está que a nova ordem de coisas encontrará bases seguras para a reconstrução social.

Hoje já se possuem, no campo das doutrinas, obras de grande valor neste sentido.

A "Reconstrução Social", de Santillan, por exemplo, nos conduzirá a ótimas conclusões neste campo das preocupações libertárias. As resoluções de um congresso libertario realizado em Rosário, publicadas na revista de Buenos Aires "Nervio", nos conduzem a um conceito esclarecedor.

Nós não concebemos que seja desnecessária a organização de grupos anarquistas.

Ao contrário: achamos que êles devem se multiplicar, para integrar-se no movimento, atuando, não como estranho à organização sindical, mas ampliando-lhe a sua missão revolucionária.

Não justificamos a existência de organismos que apenas esperam "que o sindicato ponha forças à sua disposição", que vivam a combatê-lo, que lhe movam guerra.

Trata-se da obra coletiva, e as coletividades proletárias não podem estar encaixadas no conceito caudilhesco dos elementos que têm dos trabalhadores um conceito tão deprimente.

Por essa razão, reafirmamos: "Ao sindicato, que é a força viva do proletariado, que se compõe de produtores, está reservado o papel da distribuição, controle, produção e consumo, após a transformação social".

Os grupos anarquistas, organizados à margem dos sindicatos têm a sua missão a cumprir, missão coordenadora, se a tanto se quizer levar essa força, que, pelas suas condições de trabalho não devem abandonar as suas posições na produção, mas transformar a produção em celeiro da coletividade, em benefício de todos e ao alcance de todos.

F. Gil.

A Organização Anarquista

RAZÃO DE SER

Tendo por base o indivíduo, a organização anarquista tem por finalidade dar maior amplitude aos seus esforços — por meio do livre acordo — no sentido de uma

Essa organização tem por unidade orgânica o grupo — de natureza

ESTRUTURA

A organização tem por unidade organica o grupo — de natureza varia: de afinidades, de bairros ou suburbios, de associações ou sindicatos, estudantinos, juvenis e femininos, de locais de trabalho, etc.

As relações dos grupos se verifica na base do federalismo libertario, reunindo-se em federações locais, estas em federações de zonas e todas na federação da região brasileira.

ORIENTAÇÃO

A organização anarquista repudia as normas centralistas — diretas ou indiretas — baseando-se na autonomia do individuo no grupo, deste nas federações locais e de zonas e destas na federação regional brasileira — objetivando uma ação fundamentada em acordos amplamente examinados e livremente aceitos.

FINALIDADE

A finalidade da organização anarquista é coordenar os esforços individuais e coletivos no sentido de dar mais-força e coesão no desenvolvimento da obra do anarquismo, estimulando, apoiando, e promovendo as iniciativas que objetivem defender e divulgar o ideal anarquista e sustentar a ação do movimento em todas as suas modalidades.

PARA O MOMENTO

Na situação atual, apresenta-se a perspectiva seguinte: constituição de grupos de afinidades ou de outras modalidades, onde seja possível, federando-se entre si, e onde não seja possível a constituição de grupos, todos os militantes reunirem-se em conjunto em uniões locais, que estimularão a constituição dos grupos. Reunindo todas essas organizações, formar-se-á a federação regional brasileira.

CAUSTICOS SOCIAIS

METODO CAPITALISTA DE CALCULAR

Um operario solicita ao patrão aumento de salario.

— Como te atreves a pedir aumento, se tu tão pouco produzes?! — responde-lhe o empregador.

— ?!

— Presta atenção. Durante um terço do dia, dormes, o que representa 122 dias perdidos durante o ano. Durante outra terça parte do dia, estudas, ler, passeias, comes, etc. Somando todo este tempo, obtemos outros 122 dias perdidos para a produção, pois tu os gastas exclusivamente com os teus assuntos. — Restam 122 dias, não é verdade?

O pobre trabalhador faz que sim, com a cabeça.

— Mas desses 122 dias que restam temos que descontar 52 domingos, ficam, portanto, apenas 70 dias. Aos sábados, porém, tu trabalhas apenas metade do tempo, o que reduz os seus dias a 41. Durante o ano, temos 14 feriados e 9 dias santificados, nos quais tu não trabalhas. Restam 18 dias. Mas tu ainda por cima estiveste doente durante três semanas. Em conclusão: compreendes agora facilmente como é insensato ou injusto ao pensares em pedir aumento de ordenado. Pódes-te considerar afortunado por receberes tão elevado salario.

E o "afortunado" proletario, esmagado pela terrível eloquencia daqueles numeros que o patrão alinhara com uma irresponsável logica, parte daí, disposto a restituir, daquele dia em diante, metade do seu salario, ao "infeliz" empregador, a fim de ajudá-lo a vencer a crise economica.

ALFRED WINKLER

(Trad. do "semineulo" orgão oficioso da Associação Mundial dos Anarcofalistas)

A CERTO CARDEAL

Cardeal, que vida a tua, meu marido,
comer, beber, dormir e farrear,
sem saber que teu ronco é teu arroto
cuisam fome e amargura em muito

(Ian)

Se Cristo andava de sapatos rotos,
porque é que o bispo e Papa hoje
(similar?

Também S. João passava a gafanhoto
e nenhum papa usou de tal manto...

Um palacio é melhor que uma choupana
Colchão de penna é o suco em noite
(Iria

E uma cama macia, no fundo, é a
(Icy.

Cardeal, sangra a gente mansinha,
e a batata não vê que é da sangria
que escorre o vermelhão do seu chalaço.

(Ipe).

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Continua a realizar a sua reunião semanal para a exposição e debates de temas os mais variados e que interessam à cultura dos elementos populares.

Essas sessões são realizadas nos sábados, iniciando-se às 8,30 horas em sua sede, à rua José Bonifacio, 257, sendo franqueada a entrada a todas as pessoas que se interessarem por essa iniciativa.

As segundas-feiras realizam-se as assembléias dos socios, para resoluções referente às suas iniciativas.

Em uma das ultimas dessas assembléias foi eleita a nova diretoria.

CURSO POPULAR DE HIGIENE MENTAL

Com a conferencia do dr. Pedro Dantas, realizada no salão do Laboratorio Paulista de Biologia, sobre o tema "Higiene Mental da Familia e do Professor", encerrou-se o Curso Popular de Higiene Mental, organizado pelo Centro de Cultura Social e do Centro de Estudos Franca da Rocha, e a cooperação da Universidade Popular Presidente Roosevelt.

Tendo por oradores medicos, psiquiatras do Hospital do Juquery, que desenvolveram os seus temas de maneira simples e acessivel aos ouvintes populares, foi uma serie de palestras muito proveitosas.

Foram sempre muito interessantes os debates que se travaram no final das conferencias, com a participação ativa da assistencia.

OS FESTIVAIS DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Com a representação da peça "Uma Mulher Diferente", de autoria do nosso companheiro Pedro Catalo, realizou-se no dia 8 de janeiro passado um festival artistico do Centro de Cultura Social.

A representação dessa peça foi levada a efeito em virtude de insistentes pedidos feitos por muitos companheiros dos que assistiram à sua estréia, há poucos meses, tal foi a impressão causada na assistencia pela interpretação magnifica que lhe deram os elementos componentes do Grupo de Teatro Social.

Embora amadores, têm se portado como verdadeiros artistas na interpretação de seu papel, todos os membros desse conjunto de abnegados, pela arte venceu dos primeiros de Dezembro.

A peça "Uma Mulher Diferente" sofreu algumas alterações que se tornaram convenientes.

Como das outras vezes, a assistencia, que enchia o salão do Grêmio Democrático Hispano Americano, aplaudiu com entusiasmo todos os que tanto na interpretação dos personagens da peça de Pedro Catalo, como no ato variado, tomaram parte nesse festival promovido pelo Centro de Cultura Social.

Essa é a função do padre: sacrificar o povo à sua ganância.

CONTRA O DOMINIO DO IMPERIALISMO ULTRAMONTANO

A reação clerical, protegida pelos remanescentes do fascismo entrincheirados nos principais postos de comando da política, escancara de novo a bocarra e afia novamente as garras para nos arrebatar as escassas liberdades de pensamento, conquistadas através de seculos de martirio e de perseguições de toda ordem, por entre as chamas e a tumarada dos autos-de-fé da Inquisição, e fazer-nos retrogradar aos tempos tenebrosos de Inacio de Loiola e Torquemada. Para prova basta recordar-vos estes dois fatos ocorridos ha pouco: 1.o — O Cardeal do Rio de Janeiro tornou publica, com a cumplicidade da Agencia Nacional (um organismo oficial!), a excomunhão, por ele lançada sobre a Associação Cristã de Moços do Rio e sobre o Esperanto-Klubo, só porque em ambas estas instituições circularam os "Sermões da Montanha", de Tolnaz da Fonseca, uma das mais famosas obras da literatura libertaria e que constitui, com a "Velhice do Padre Eterno", um dos dois mais terriveis acertagãos que até hoje foram aplicados sobre o lombo da padralhada em Portugal e no Brasil. (O "Sermões da Montanha", proibido, de circular e apreendido mesmo pela policia, no Brasil, durante o consulado de Getulio, como ainda hoje o é no Portugal de Salazar, foi recentemente reeditado pela Editora "Germinal", do Rio). 2.o — O mesmo Cardeal, segundo anunciou pela imprensa, que o não desmentiu, prepara-se para mandar erguer, na capital da República, à custa, claro está, dos cofres da Nação, uma catedral imponente, mais alta do que o mais alto dos arranha-céus, como um desafio da Vaidade e da sede de luxo da Igreja Catolica, à penuria do povo brasileiro.

Ora, é necessario reagir, quanto antes. Acordar, quanto antes, a adormecida consciencia anti-clerical, esta consciencia mergulhada em sono letargico por quinze anos de fascismo.

E preciso opor um dique ao dominio do imperialismo ultramontano, que ameaça avassalar o Brasil.

UM ZERO A MAIS

Noticiamos no ultimo numero de A PLEBE o grande impulso que tomou ultimamente o movimento anarquista no Japão.

Salientando o desenvolvimento, de veras animador, da atividade dos camaradas japoneses, [illegible] grande tiragem do "Jornal do Povo", o orgão nipônico de nosso movimento e indicamos a sua tiragem de 80.000 exemplares, que é, indiscutivelmente, uma tiragem avultada para um movimento de minoria. Mas um erro de revisão achou que não era bastante e acrescentou-lhe mais um zero, multiplicando-a para 800.000 exemplares...

Aos que recebem «A Plebe»

"A Plebe" é remetida a todas as pessoas que nos são indicadas como estudiosas do problema social.

Como temos de regularizar a tiragem, de maneira que cada exemplar seja bem aproveitado, dirigimos um apelo a todos que estão recebendo o jornal, no sentido de atenderem prontamente a esta consulta:

— Interessa-lhe a leitura de "A Plebe". Deseja continuar a recebê-la? Em caso afirmativo, pedimos que nos escrevam imediatamente, dizendo-nos se os nomes e os endereços estão certos. Caso contrário, basta devolver o jornal com a nota "Devolvido ao remetente".

Endereço para a correspondencia: Caixa Postal n.º 5789 — São Paulo.